



OITAVA QUESTÃO GNÓSTICA

Meu nome é Raquel Maria Santos, sou do Rio de Janeiro e gostaria de perguntar sobre o Evangelho da Pistis Sophia. Esse Evangelho é mesmo gnóstico? Se é, qual a sua origem e sua doutrina essencial? Qual a sua importância para a doutrina jessênia? Se os jessênios se assemelham aos essênios, então qual é a ligação entre o Evangelho da Pistis Sophia e os essênios? As diversas traduções que temos em Português, em Espanhol ou Inglês são confiáveis, seus comentários são autênticos?

Amiga Raquel. O Evangelho da Pistis Sophia foi, durante algum tempo (de 1850 a 1947) o único exemplar completo de escritura gnóstica que os acadêmicos pesquisadores puderam trabalhar e sondar a doutrina gnóstico-cristã.

Entretanto, com a descoberta da biblioteca de Nag Hammadi, em 1947 no Egito, esses pesquisadores ficaram entusiasmados pois tinham, a partir de então, uma grandiosa coleção de escritos que pertenciam aos gnósticos.

Antes da descoberta do Evangelho da Pistis Sophia os especialistas trabalhavam unicamente com os escritos dos inimigos e detratores dos gnósticos, dentre eles Irineu de Lion, cristão ortodoxo que escreveu uma obra denominada *Contra as Heresias* em 180 d.C.

Não podemos falar do Evangelho da Pistis Sophia, obra claramente gnóstica, sem antes sondarmos o que é a Gnosis, como ela surgiu, porque ela foi tão perseguida por outros cristãos à medida que se organizava e se instituía o cristianismo.

Sabemos agora, devido às descobertas da Biblioteca de Nag Hammadi e dos Manuscritos do Mar Morto, que os essênios foram os profetas preparadores do surgimento do cristianismo e sua importância é sem igual no estudo das origens da religião esotérica de Jesus. E isto é tão evidente no presente, que escritores diversos têm procurado enfatizá-lo em resposta às descobertas do conteúdo teosófico ou esotérico dos Manuscritos de Qumran, e um deles, de nome Andrew Welburn, autor da obra *As Origens do Cristianismo*, diz que os essênios eram versados em doutrinas esotéricas e conheciam assuntos a respeito dos quais os rabinos eram severamente limitados. Um desses assuntos é o da Merkavah ou carro que conduz a glória de Jehováh.

Welburn é um especialista que, por sua vez, não menospreza o aspecto esotérico do essenismo e nem o do cristianismo, chegando a afirmar que uma comparação entre o esoterismo da doutrina de Jesus e o dos essênios empolga alguns estudiosos. No trato disto ele diz que um moderno estudioso da Bíblia, de nome R.M. Grant, ao estudar os escritos de Qumran foi surpreendido com o fato de que quase todos os ingredientes do gnosticismo estivessem já presentes na vida e na literatura dos essênios qumranitas, e que apontassem para uma clara influência dos Mistérios Orientais naquele grupo, marcando uma entrada no fechado mundo do judaísmo antigo.

Welburn nota nos essênios a mesma ênfase no *conhecimento* dos Mistérios de Deus, o que é uma característica da Gnosis. Esta, vindo na Criação dois estados ou naturezas, um material e trevoso, o outro pertencente à luz e à pureza, concebe uma tão radical oposição

entre ambos, que recomenda aos seus alunos o abandono da vida física e um mergulho consciencial e discipular nos aspectos do Reino da Luz.

Para a Gnosis o mundo material é inerte, corruptível, formado como um presídio que mantém cativa a alma humana e o discipulado gnóstico vai dar ao que deseja *conhecer* o modo de escapar da matéria, uma vida de experiências visionárias, um relacionamento iluminativo com a faísca gnóstica que habita no seu coração, através da qual ele vai penetrar nos mundos cósmicos da Luz e dos Seres de Luz imperecível, os Eões Angélicos, e encontrar-se tão intimamente com a Deidade que poderá adquirir dela um verdadeiro *conhecimento*.

O corpo físico humano é, no conceito gnóstico, o verdadeiro presídio da alma, pois, formado de matéria, é trevas e dotado da natureza da corruptibilidade. E nesse ponto podemos ver num dos escritos de Qumran, o 1QH ou Hinos de Agradecimentos do Mestre essênio da Retidão, uma expressão que o iguala aos grandes gnósticos dos séculos II e III, conforme mostramos a seguir: “Barro e pó sou, que posso eu conceber a não ser o que Tu queiras revelar-me? Que é o homem-terra, plasmado de barro e que retorna ao pó? A escuridão é minha vestimenta, que dirá um homem desses quanto ao seu pecado? E como irá ele justificar as suas iniquidades?” E esse hino repleto de uma visão dura e bastante realista da verdadeira condição do homem apartado do Paraíso e decaído nas trevas da matéria, liga o Mestre essênio da Retidão aos posteriores mestres gnósticos-cristãos, que também lamentavam a queda da vida humana nos laços aprisionadores das trevas materiais.

Com a ajuda de Welburn, cara amiga Raquel, descrevi de forma segura e bastante real a ligação dos essênios com a Gnosis, e falta agora estabelecer a ligação da Gnosis com o Evangelho da Pistis Sophia, e deste com os atuais jessênios.

Welburn afirma que os Gnósticos eram dualistas radicais e que os essênios eram dualistas mais brandos, moderados, porém, na expressão que acima anotamos do 1QH, achamos o mestre essênio de Qumran num clima literário tão dualista quanto aquele que pertence aos gnósticos cristãos.

Mas, você poderia perguntar, na altura desse parágrafo: *que é o dualismo?* Para os jessênios a definição entre *dualismo* e *monismo* é de importância vital, sem a qual não se pode entender o jessenismo, o gnosticismo e nem o essenismo.

O esoterismo, a doutrina que oferece ao homem a Iniciação ou a Integração com o Reino da Luz, apresenta o processo iniciático em duas grandes formas filosóficas. A primeira, chamada *monismo*, não ensina a doutrina da Queda, pois acredita que Deus e a Criação são uma Unidade, que Deus e a Criação são a mesma e única coisa, e que, portanto, por ser Deus pura bondade, a história judaico-essênia e cristã da Queda é injustificada, exotérica, dogmático-religiosa, pois Deus mesmo desejou que o homem descesse ao mundo da matéria para ali adquirir experiências, um aprendizado e em seguida um amadurecimento. Para o monismo *não existe o mal tal qual o definimos moral e religiosamente, ou seja, como uma total oposição a Deus, mas ele é uma resistência que se opõe ao homem com a finalidade de induzi-lo a evoluir em direção à Luz*. Deus, que é pura bondade, jamais iria desejar que o homem fosse duramente julgado por errar na matéria, mas sim, desejou que com esses erros, aparentemente definidos como mal, sirvam de uma espécie de mestre-escola, que lhe dê a força da evolução.

O monismo mais característico que conhecemos é denominado de *panteísmo*. O panteísmo é um monismo radical, e seu nome vem da expressão grega *panta rei* ou *tudo flui*,

o que quer dizer que Deus fluiu tão completamente Todo para a Criação que não podemos distinguir a diferença ou separação entre ambos, e que o mal é uma via de aperfeiçoamento espiritual. Não é raro ver os panteístas dizerem que Lúcifer, o anjo rebelde das doutrinas judaico-essênica, maometana e cristã, é, na verdade, o nosso “Logos Iniciador” ou o grande professor e incentivador da nossa evolução espiritual.

Duas coisas precisamos esclarecer aqui no tocante ao panteísmo, ao monismo e à idéia de que a Queda é uma doutrina judaico-essênica e cristã ou maometana. Vamos por partes, enfocando primeiro a idéia de alguns modernos esoteristas de que o panteísmo é uma doutrina esotérica que ensina a união de todas as religiões. Ora, a expressão grega *panta rei* não comporta tal definição ou conceito de panteísmo. O panteísmo, enquanto doutrina filosófica, não tem essa característica, embora alguns movimentos claramente monistas, como o da Sociedade Teosófica, ou aqui no Brasil, a Nova Acrópole, tenham como concepção essa integração das religiões. Entretanto, essa integração foi originalmente proposta pela Gnosis, fundamentalmente dualista.

Depois, devemos afirmar que a doutrina da Queda, denominada de dogmático-religiosa e exotérica por alguns monistas, não é unicamente judaica, maometana ou cristã, mas foi ensinada por Zoroastro, o grande mestre dualista da Pérsia de 700 a.C., por Hermes Trismegistos no Egito, pelos Mistérios de Orfeu, de Eleuses, de Pitágoras, de Mitra, na Grécia e em Roma, por Platão, o grande filósofo, e também nos muito antigos Mistérios assírios-babilônicos de Istar, e que os Alquimistas a ensinaram amplamente ao longo da Idade Média desde o Oriente até a Europa.

E após esse esclarecimento, partamos para a definição do que é o *dualismo*. Nessa definição vamos usar dois níveis de abordagem: a dos religiosos e a dos próprios esoteristas dualistas. Para os religiosos qualquer grandiosa ênfase da luta entre o bem e o mal, entre matéria e espírito, entre luz e trevas, entre mundo material e mundo espiritual, entre corpo e alma, é, já, e por si só, dualismo. Para os dualistas, entretanto, a afirmação de que o homem foi, no Paraíso, um deus imortal, um anjo de luz, e que, ao cometer o erro da Queda, mergulhou na matéria, quando começou a sua jornada de sofrimento, de dor e de ciclos de morte e renascimentos (ou seja, a roda de encarnações), é que define uma doutrina esotérica como dualista.

Para o dualista a matéria é essencialmente má, e aprisiona a alma por meio de sua participação na formação quádrupla do corpo humano, ou seja, sua participação na formação do corpo físico, do corpo etérico, corpo astral e corpo mental, e deve ser considerada verdadeiramente o mal do qual o homem precisa se livrar ou abandonar ao invés de nele buscar fundamentalmente experiências amadurecedoras.

Enquanto o monismo ensina que o homem deve melhorar a sua moral e a sua espiritualidade a partir de suas experiências na matéria, e fazer desse melhoramento uma evolução, o dualista ensina que o discípulo precisa definitivamente considerar o seu corpo como um cadáver ou uma veste de escuridão que o mantém preso no mundo do mal e separado irremediavelmente do mundo do bem e da luz.

O monismo é característico das doutrinas esotéricas hindus, embora os hindus chamados *sicks* sejam aberta e amplamente dualistas. Também a Cabalá judaica, principalmente aquela descrita no Zohar e defendida pelos rabinos modernos, beira o panteísmo, característica esotérica esta de que os rabinos buscam desvencilhar ou descaracterizar com feroz firmeza e força filosófica, mas que sempre esbarra em lançar sobre

os conceitos cabalísticos véus de “mistérios” que, contudo, não os livra das sombras argumentais do panteísmo.

Se para o monista a matéria é um campo de experiências positivas de melhoramento espiritual e o mal é um pedagogo do candidato à evolução, não tendo aquela natureza oposta a do espírito que tanto enfatizam os dualistas, e se para o panteísta o Reino de Deus pode ser observado inteiramente na matéria, não sendo ela um lugar tenebroso e de aprisionamento da alma, mas uma escolha dela e do Criador para que haja o conjunto de experiências que propiciam a Iniciação ou evolução, começando pelo budismo já podemos achar algo interessante a que pensar com profundidade a respeito.

Para nós jessênios, descendentes dos gnósticos, em especial dos gnósticos maniqueístas, o budismo é um mui interessante apoio esotérico.

No budismo Mani ou Manes, gnóstico do século II d.C., viu a doutrina de *Dukkha*. *Dukkha* é uma palavra da língua hindu denominada Pali, adotada para assentar a doutrina budista; ela significa de modo direto, “insatisfatoriedade”, ou seja, ela indica o conjunto de experiências que um homem adquire ao longo de muitas encarnações que o levam a perceber que a vida na matéria só oferece dor, sofrimento, envelhecimento, adoecimento, morte e renascimento, e, por essa percepção esse homem passa a anelar profundamente libertar-se da matéria, da vida material.

No conceito budista de *Dukkha* não há a idéia de uma experiência reencarnatória capaz de propiciar a Iniciação evolutiva, mas apenas capaz de proporcionar ao preso aos ciclos de reencarnação a idéia de que a matéria é um reino de sofrimento, e conseqüentemente o anelo por escapar dela.

É claro que Manes ou Mani, cujo olhar era fixo no ensinamento de Jesus, o qual disse: esse mundo material me aborrece (João 7:7, 8:23, 14:31, 15:18, 17:14, 18:36) e também no ensinamento apostolar que afirma: “há dois caminhos, um de trevas e outro de Luz (Capítulo introdutório do *Didakê*), assimilou o conceito budista de *Dukkha* como dualista. E esse dualismo influenciou os Cátaros, os Bogomilos, os Cavaleiros Templários e os Cristãos Alquimistas da Idade Média.

Depois dessa longa digressão – pela qual me desculpo agora – volto ao Evangelho da Pistis Sophia, centro de sua pergunta, cara amiga Raquel. E para esse retorno tenho que dar alguns detalhes da iniciação dualista essênio-cristã de alguns grupos que seguiram os primeiros ensinamentos dos apóstolos de Jesus, dentre eles os naassênios, os elkessaítas, os sabeus ou mandeanos (ou essênios do grupo de João Batista), os gnósticos ofitas e os gnósticos valentinianos, todos dos séculos I a VIII d.C.. Todos esses grupos, sob influência direta do batismo essênio ou de sua constante vida ritualística de purificações lustrais, e da doutrina de que nas águas o Espírito de Deus havia infundido a Sua Força-Luz na forma de Pomba, adotaram a Iniciação dos Selamentos de Mistérios.

Com reflexos na doutrina pitagórica, na dos essênios e dos apóstolos de Jesus, os gnósticos egípcios chamados ofitas, e um outro muito importante grupo denominado dos valentinianos, concentraram a sua atenção no chamado Evangelho de Filipe, onde lemos: “O Senhor fez tudo em Mistérios: um batismo, uma eucaristia, uma crisma, uma redenção e uma câmara nupcial”.

Para os cristãos esoteristas do Evangelho de Filipe ser cristão era um processo que se alcançava em cinco etapas, começando pela do batismo, e pela descida da Pomba nas águas batismais do candidato aos Mistérios (Ver Questão Terceira).

No Evangelho da Pistis Sophia, logo na sua introdução, encontramos a descrição do “Pai na forma de Pomba e Seus Vinte e Quatro Mistérios”. Essa diferença de Cinco para Vinte e Quatro Mistérios não deve ser vista como uma real diferença, mas uma descrição das Vinte e Quatro atuações da Pomba-Pai nos Cinco Selamentos batismais.

Ao longo do Evangelho da Pistis Sophia encontramos muitas vezes o tema da Força-Luz de Jesus que atuava como Pomba nos profetas, ou seja, que tocava a mente profética por meio de vinte e quatro formas etéricas, e esse toque começava nos doze pares de nervos cranianos, daí serem descritos como Vinte e Quatro Mistérios.

(No referente a esse assunto o Evangelho Gnóstico de Tomé fala mui misteriosamente no dito 52, revelando que “vinte e quatro profetas falaram em Israel e todos falaram por ti”).

Para a primeira súplica de arrependimento de Pistis Sophia, Maria Madalena dá uma interpretação usando o Salmo 68. Ela diz: “Senhor, outrora a tua Força-Luz profetizou a este respeito através do profeta Davi, no Salmo 68, dizendo: ‘Salva-me, ó Deus, pois as águas alcançaram a minha alma’”. É interessante que Maria Madalena, Myriam em hebraico (que significa *águas do mar salgado*), menciona o poder de Pomba, ou o Poder de Força-Luz de Jesus, havia profetizado através de Davi no Salmo 68, e cita as águas como uma força que maltrata e submerge a alma. E essa Maria Madalena é que unge com o Selamento da Redenção o corpo de Jesus antes de ser crucificado.

Maria, a verdadeira água batismal e a verdadeira Unção de Redenção, é capaz de descrever o significado da Primeira Súplica da Pistis Sophia porque nela está a força da Pomba que penetra nas águas do caos, nas águas ímpias que sufoca a alma humana, para ali exercer o Fiat Lux ou o aparecimento da Luz Libertadora.

Maria Madalena é a primeira a decifrar com Salmos a agonia de Pistis Sophia, e é a que primeiro distingue que a força da Pomba esteve profeticamente no rei Davi quando ele proferiu o Salmo 68. A partir da sua interpretação Pistis Sophia evoca diversas vezes o mantra “Confio em ti ó Luz”.

Bem distante dos capítulos ditos das Súplicas de Arrependimento de Pistis Sophia, ou seja, no chamado Terceiro Livro de Pistis Sophia, há um trecho muito interessante onde lemos o seguinte: “O falso espírito (ou o corpo astral) observa e percebe todos os pecados e males que os arcontes da grande Heimarmené (ou seja, do destino preparado pelos sete planetas e pelas doze casas zodiacais) impuseram à alma, e ele os realiza com a alma. E a Força-Luz interior, ao contrário, incita a alma a buscar a região da Luz e todo o Divino.

“O falso espírito governa a alma, compelindo-a continuamente a praticar todas as iniquidades com suas paixões e pecados, sendo designado permanentemente à alma, à qual é hostil, levando-a a realizar todos esses pecados e males. E os servidores retributivos selamos porque eles são testemunhas de todos os pecados que o falso espírito leva a alma a cometer. Além disso, quando ela vai descansar à noite ou durante o dia, incita-a, em sonhos e com desejos, a ansiar por todas as coisas do mundo material. Numa palavra, impele-a a todas as coisas que os arcontes determinaram para ela, sendo-lhe hostil e levando-a a fazer o que

não quer. Portanto, *Maria*, este é de fato o inimigo da alma; é ele que a compele a cometer todos os delitos.”

É com *Maria*, as águas salgadas batismais, o óleo da Unção da Redenção, substância do alimento ou eucaristia dos Anjos, que Jesus discursa sobre os selos ímpios que o mundo cósmico zodiacal maligno impõe à alma, submetendo-a pelo corpo astral ou falso espírito, a toda sorte de desejos delituosos, que a ligam às coisas do mundo material. *Maria* simboliza as águas batismais que na história de Noé deu à Pomba o ramo de oliveira, ou seja, a Unção de Redenção (Ver Gênesis 8, versículos 6 a 11). E ela é a preparadora dos mortos, o que nós jessênios entendemos ser a tarefa do sacerdote ou da sacerdotisa psicopompa (ou que guia a alma do morto).

Maria é o indicativo dos Cinco Selamentos de Mistérios, em especial o Batismo. E sua ligação com o Batismo é ainda mais clara no Evangelho da Pistis Sophia quando nesse magnífico testemunho gnóstico lemos: “Ora, aquele que receber os Mistérios do Batismo, então o seu Mistério torna-se um grande fogo sábio, muito poderoso, que destrói os pecados e entra secretamente na alma e consome todos os pecados que o falso espírito havia selado nela.

“E quando ele termina de purificar todos os pecados que o falso espírito havia selado na alma, entra secretamente no corpo e persegue secretamente todos os perseguidores, separando-os numa parte do corpo. Em seguida, ele persegue o falso espírito e a força de destino ímpio que os astros arcônicos imprimem nesse espírito, e separando-os do poder-luz da alma, colocando-os num lado do corpo (a saber, no lado esquerdo), para que fiquem separados, o falso espírito, o destino e o corpo numa parte, e o poder-luz da alma em outra (à direita). O Mistério do Batismo, por sua vez, permanece no meio dos dois grupos, separando-os constantemente um do outro, tornando-os limpos e purificados, para que não sejam maculados pela matéria.

“Assim, *Maria*, esta é a forma como os Mistérios do Batismo perdoam os pecados e todas as iniquidades.”

Novamente, no Evangelho da Pistis Sophia, Jesus se dirige a *Maria* quando tem que falar do Batismo e da sua ação alquímica separadora, deseladora e purificadora. O Batismo, que é um selo de Força-Luz da Pomba do Pai na alma, desfaz os selos de pecado do espírito astral ou falso espírito.

Essa é a doutrina gnóstico-cristã e dualista do Evangelho da Pistis Sophia. Nós jessênios achamos que os monistas não podem comentar um tão grandioso testemunho do dualismo, pois eles seguem o monismo. Sabemos, por exemplo, que um respeitável cidadão e esoterista brasileiro tentou através de comentários que Blavatsky (adepta do monismo hindu) produzir esclarecimentos a respeito do Pistis Sophia, traduzir e comentar esse documento da Gnosis valentiniana, mas, embora muito louvável, o esforço de um monista não pode penetrar no sentido essencial desse evangelho hermético.

As razões dessa impossibilidade se devem a que cada tipo esotérico de iniciação tem o seu próprio conjunto de documentos, e sua própria forma de processo iniciático. O processo iniciático de que se refere o Evangelho da Pistis Sophia é gnóstico-dualista e tem por base o afastamento, dentro do corpo, através da força batismal, da Luz para o lado direito, o lado em que no coração está a Jóia no Lótus cardíaco, processo esse que denominamos colocar Jesus em nós à direita do Pai na forma de Pomba, e as trevas no lado esquerdo. O processo monista, evidentemente descrito nos documentos monistas hindus ou de outras tradições monistas, tem por base o treinamento da vontade, da consciência e do pensamento, sua disciplina rigorosa,

para conter o fluxo da natureza da matéria e seus efeitos. Quanto a isto é bom dar uma olhada na nossa explicação e comentário ao Hino da Pérola, nesse mesmo site.

